

# Mate e comunicação<sup>1</sup>

Antoine Berman

Tradução de Simone Petry\*

*Todo hombre que camina va a parar a las mateadas.*<sup>2</sup>

## América do Sul e convivialidade.

A convivialidade, diz Ivan Illich<sup>3</sup>, constitui um “saber estar juntos” generoso, espontâneo e aberto, em que a vida social, ao contrário de sufocar o indivíduo, permite que ele exista, se realize e se expresse. Ela é a experiência da *partilha*, um socialismo espontâneo e afetivo.

Para ser durável, a convivialidade precisa se encarnar *em formas sociais concretas e cotidianas*. Essas formas, que quase não existem mais nas sociedades industrializadas, ainda estão vivas na América do Sul. Cada país possui as suas. É claro, elas estão ameaçadas pela penetração dos esquemas

<sup>1</sup> BERMAN, Antoine. *Maté et communication*. *Esprit* (nouvelle série), n° 452. Paris: Seuil, p. 809-815. Tradução de Simone Petry, revisão técnica de Gilles Abes (N.T.).

\* Pós-doutoranda do Programa de pós-graduação em Estudos da Tradução-PGET, da Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC.

<sup>2</sup> Trata-se da adaptação, provavelmente feita pelo próprio Berman, de um verso do longo poema *La vuelta de Martín Fierro*, de José Hernández, publicado em 1879, em Buenos Aires, pela Editora Librería del Plata. O verso em questão se encontra na estrofe 470 do poema: “En semejante ejercicio / se hace diestro el cazador. / cai el picho engordador, / cai el pájaro que trina; / todo bicho que camina / va a parar al asador.” Esse poema, juntamente com a sua primeira parte *El gaucho Martín Fierro* (1872), foi escrito como homenagem aos gaúchos, considerados como fundamentais para a conquista da independência da Argentina em relação à Espanha. Esse escrito marca também o nascimento da literatura gauchesca, que cria certas diretrizes na literatura Argentina, baseadas numa tensa dialética entre a capital e o interior. Característica da literatura latino-americana de *protesta*, tão importante para o pensamento bermaniano. (NT).

<sup>3</sup> Pensador austríaco (1926-2002), que dentre sua bibliografia escreveu e publicou em 1973, em inglês e espanhol, o texto *Tools for Conviviality / La convivencialidad*. O autor afirma ter escrito o texto também em francês, mas não temos, até o momento desta tradução, notícias de sua publicação. (NT)

de vida ocidentais (ou capitalistas). Em muitos casos, sobretudo nas cidades, os povos da América do Sul sofrem um princípio de perda de identidade, mas a luta contra o imperialismo ocidental os leva a reafirmar seus modos de vida tradicionais. O problema da América do Sul não é mais se adaptar aos esquemas da cultura europeia, mas adaptar esses esquemas – naquilo que eles têm de universal, como a ciência, a técnica etc. – a suas próprias formas de existência. Esse problema se coloca tanto num país liberto como Cuba, quanto nos países em transição como Argentina, Peru ou Panamá<sup>4</sup>.

### Formas e objetos conviviais na Argentina.

Existe na Argentina um certo número de formas conviviais tradicionais e populares que 150 anos de dominação cultural europeia não conseguiram nem apagar nem transformar. Segundo um princípio bem conhecido dos povos primitivos, essas formas se articulam entorno de objetos que, aqui, são essencialmente o *violão* e o *mate*. Antes de falar longamente do *mate*, falarei um pouco do violão.

Como todos os instrumentos musicais (especialmente os instrumentos de corda) o violão é um objeto social e convivial: no fundo, não tocamos sozinhos. No entanto, na relação espectador-ator, à qual nós europeus estamos habituados, a experiência convivial tende a empobrecer: a divisão entrincheirada demais dos papéis não permite a verdadeira comunhão e a verdadeira partilha. A relação dos argentinos com o violão é mais rica. Antes de tudo, o número de pessoas que sabem tocar esse

---

<sup>4</sup> Se compararmos o problema da América do Sul com o da Europa (ou da maioria dos países da Europa), poderíamos dizer: a América do Sul, que já possui um grande número de estruturas conviviais, deve defender essas estruturas e resistir à penetração da cultura ocidental. Por outro lado, para que essa recusa não caia num nacionalismo obtuso, deve *integrar* o melhor da tradição científica, técnica e revolucionária europeia, pois a Europa é o berço da ciência e da revolução. Empreitada obviamente árdua. A Europa, ao contrário, praticamente não possui mais nem estrutura convivial nem mentalidade convivial (há uma relação dialética entre a mentalidade convivial e as formas conviviais). Inventora das comunas, dos soviets, do socialismo e do comunismo, ela vive um cotidiano e um sistema institucional claramente antissocialistas, anticonviviais. Então, seu problema é *inventar* estruturas sociais de convivência. Tarefa mais árdua ainda, me parece. Para auxiliá-la, no entanto, a Europa tem uma antiga tradição revolucionária (que também pode ser um obstáculo) e o caráter insuportável da estrutura não-convivial. A Comuna, os soviets, Maio de 68, a Primavera de Praga, Lip... prefiguram tudo aquilo que pode ser a invenção de uma nova convivialidade. Haverá a mesma relação dialética entre o nascimento de uma nova *mentalidade* convivial e o surgimento de novas *estruturas conviviais*, no entanto, a convivialidade só será real na invenção de uma nova vida cotidiana. O cotidiano sendo feito de um comércio contínuo com os homens e os objetos, quais serão os *objetos* que reunirão os europeus? Atualmente, cada objeto do mundo capitalista é objeto-de-separação (o café, o jornal, a televisão etc).

instrumento é bem elevado, em todas as classes sociais. O violão é o instrumento fundamental do folclore. Além do mais, para os argentinos, o violão é instrumento que passa de mão em mão. Em uma reunião, raramente ele é monopolizado por uma só pessoa. Tal situação, quando se produz, é vivida como um empobrecimento. O uso partilhado do violão deu lugar a uma forma de reunião popular chamada *guitarreada*. Numa *guitarreada*, o violão não passa apenas de mão em mão: vários violões se respondem e correspondem. Muito comum na Argentina (especialmente no interior do país), a *guitarreada* forma uma reunião humana na qual se conjugam harmoniosamente a expressão e a comunicação, a atividade e a passividade, o individual e o coletivo.

### O mate.

Agora, vamos ao mate. A *yerba mate* é um arbusto de folhas persistentes que cresce no Paraguai e no norte da Argentina, na província Misiones. Uma vez secadas ao fogo, as folhas desse arbusto são reduzidas a pequenos fragmentos e servem para preparar uma infusão que é tomada da seguinte maneira: enche-se de yerba uma cabaça do tamanho de um punho, chamada de *mate* – que originalmente é o fruto da planta – derrama-se um pouco de água fervendo sobre a erva preenchendo o recipiente quase até a boca, suga-se a infusão com um canudo metálico, a *bombilla*, originalmente prateado. O mate e a *bombilla* tradicionais são objeto de todo tipo de decorações, como todos os instrumentos primitivos.

O que caracteriza o consumo do mate não é apenas o fato de quase sempre ele ser tomado por várias pessoas (o café pode ser tomado por várias pessoas), mas o fato de que o caráter particular do *conteúdo* e do *contentor* desenvolve toda uma forma convival que acaba por impregnar profundamente a vida cotidiana. De fato, há apenas uma única *bombilla* e um único mate para todos os participantes. Sempre a mesma pessoa, o *cebador*, prepara a erva, completa o recipiente com água, degusta um mate por primeiro, depois, após completar de novo recipiente com água, passa-o para o seu vizinho; este, após ter bebido um mate, repassa o recipiente ao cebador que o prepara e passa para a pessoa seguinte, criando, assim, uma

estrutura perfeitamente comum e circular. A passagem do mate de pessoa para pessoa, por intermédio do cebador, cria uma roda, a *rueda*. O mate em si é uma experiência de partilha. Dessa maneira, o recipiente praticamente fica sempre em movimento: nunca se deposita o mate e a bombilla sobre a mesa (ou sobre o solo, no campo), eles permanecem em uso enquanto durar a reunião.

Não é costume dizer obrigada ao cebador quando ele serve um mate, exceto para significar que não se quer mais tomá-lo. Outro detalhe, que ao mesmo tempo mostra a racionalidade e a humanidade da prática popular: quando sirvo um mate, a bombilla deve estar virada *na direção da* pessoa que vai recebê-lo. De fato, se a sirvo deixando a bombilla virada na minha direção, para tomá-lo a pessoa será obrigada ou a modificar a posição da bombilla – correndo o risco de bloquear o duto interior –, ou a virar o recipiente para si – correndo o risco de derramar o mate e se queimar.

A origem dessa experiência está no interior, mais exatamente no *campo*, grande extensão aberta e sem limites do interior da Argentina e do Uruguai. Quando, no século passado, os gauchos se reuniam em volta da fogueira, o *fogón*, eles tomavam um mate juntos. Pouco a pouco, a prática se espalhou por todas as classes sociais, com exceção, talvez, da oligarquia, que opta pelo *five o'clock tea*... O mate era e permaneceu uma bebida essencialmente popular.

A yerba em si é mais amarga – conforme as regiões, é tomada com açúcar, *mate dulce*, ou sem açúcar, *mate amargo* ou *cimarrón* – e tem reputação de ter várias virtudes digestivas e medicinais. O certo é que ela não é estimulante como o café. Isso traz duas consequências importantes: ela jamais funciona como uma droga, e não há limites para seu consumo, o que não é o caso nem do café, nem do chá, nem de qualquer álcool. Podemos tomar um mate quantas vezes quisermos. O que conta, aqui, não é o efeito físico da yerba, mas o ato de seu consumo, o *como* desse consumo.

Tanto pela natureza da yerba quanto pela do recipiente, o mate nos faz mergulhar numa temporalidade particular. Fundamentalmente, é tomado em comum. Ele nos introduz num tempo partilhado. Como para seu consumo não há limites biológicos, esse tempo é longo, recolhido, marcado pelo consumo periódico do mate na roda. Eu não tomarei mais do mate antes

que todos tenhamos saboreado a mesma erva com a mesma bombilla no mesmo mate.

Assim, a absorção do mate marca um momento ao mesmo tempo expandido e pontual, no qual se harmonizam a *atenção aos outros* e *minha própria consumação*: de fato, um mate não é tomado, mas sugado, saboreado. É impensável “engolir um mate” como se engole um café ou se toma um aperitivo... Tomar um mate, *matear*, é um momento individual intenso. Mas ao mesmo tempo, esse momento que me é dado para saborear um mate é um momento limitado, porque os outros aguardam. Matar [matéer], então, ensina a vivenciar a difícil união do individual e do social.

A roda e a passagem periódica do recipiente ritmam uma duração na qual os participantes, que partilham da mesma experiência, têm o tempo de falar e de calar. O consumo do mate determina os momentos de silêncio e de fala de cada um: o momento em que tomo um mate é, evidentemente, o momento em que eu me calo, em que me recolho, em que retorno ao silêncio, e o momento em que os outros podem opcionalmente falar. Ao mesmo tempo, se o silêncio se instala, é quase impossível que ele se torne pesado e opaco, porque ainda assim o mate continua a rodar, e assegura uma comunicação mínima entre os presentes.

A forma convivial que nasceu do mate, sem que se tratasse (apesar das regras) de uma cerimônia, como “a cerimônia do chá” ou mesmo o *five o'clock tea*, se chama *mateada*<sup>5</sup>. Na mateada, os participantes formam necessariamente um círculo, como aquele em volta do fogón, lugar de nascimento tanto da mateada quanto da guitarreada, mesmo quando os assistentes estão reunidos em volta de uma mesa quadrada... De novo, essa forma circular não leva a nenhum tipo de rito ou cerimônia. A mateada, mesmo sendo um momento privilegiado do dia, nada tem de sagrada. É uma forma de encontro profundo e preciso, que todos sentem o dever de

---

<sup>5</sup> Mateada é uma reunião a vários ou uma reunião a dois. Veículo de comunicação, noutros tempos o mate teve voz nas relações amorosas e deu origem a *um código do mate*... Quando uma mulher recebia um pretendente, ela lhe servia o mate. Se a água estivesse fervendo e a bombilla claramente na direção do homem, significava que o pretendente tinha sido aceito. Se a bombilla estivesse na lateral, queria dizer que a mulher já amava outro homem. Enfim, se a água que ela despejou no mate estivesse morna, manifestava com isso desdém... Yerba mate, que emoções terão sido provocadas por você... Para um estudo preciso e saboroso do código do mate, ver o livro de Amaro Villanueva: *El lenguaje del mate* (Ed. Paidós, Buenos Aires, 1967).

respeitar. O círculo – possivelmente a forma mais antiga de aglomeração humana – é a estrutura mais socialista e mais democrática que existe.

Os participantes (de 5 a 20) estão de fato cara a cara, nenhum ocupa posição privilegiada, nenhum está afastado, nenhum está isolado (basta pensar na incômoda situação que se cria numa mesa longa e retangular onde, se eu estiver no final da mesa, dificilmente conseguirei me comunicar com outras pessoas que não sejam meus vizinhos imediatos, para ver a superioridade social do círculo...). Porque ninguém pode ocupar posição privilegiada, o círculo da mateada impede, ou torna bem difícil, a formação de “subgrupos” duráveis (uma mesa longa fraciona um grupo rapidamente). Cada um está presente para todos e todos, para cada um. A mateada não encoraja os apartes, mas convida a uma intimidade comum! Ao mesmo tempo, como não é uma cerimônia engessada, o círculo permanece *aberto*: posso mudar de lugar, sair, retornar, me sentar, me levantar, aqui, o círculo humano é ele próprio uma roda, e uma roda hospitaleira, na qual o recém-chegado se integra pelo simples fato de tomar um mate. A mateada é fundamentalmente uma “estrutura de acolhimento”, e seu ambiente é claramente antirrepressivo.

Vimos que, sob todos esses aspectos, a mateada é um meio quase perfeito de encontro e de comunicação, que escapa a todas as armadilhas da instituição, do ritual e da cerimônia: nenhuma de suas regras cai numa formalização do encontro. O ato de matear [*matéer*], adquire um sabor e uma ressonância diferentes a depender se praticado no campo, em volta do fogón, ou num apartamento. Nesse contexto, é impressionante que os cafés e os bares (invenções e importações europeias) não sirvam mate. Para se realizar, a mateada exige uma *intimidade*. Mas em todo caso, o mate funda uma comunidade humana autêntica: percepção mais intensa e recolhida do estar-junto no espaço aberto, ou momento de pausa, de retomada de si na agitação da cidade.

Ainda é preciso ir mais longe. A mateada não é somente um momento superior de convívio, mas também um momento *poético*, vivido enquanto tal. Uma vez mais o contentor e o conteúdo são determinantes. O mate é uma erva, a yerba. Essa erva não é reduzida a pó como o café, nem infundida à parte como o chá. Ao contrário, a erva, reduzida a parcelas,

completa o recipiente quase até a boca. Ela, para quem a toma, é *visível* e real ao longo do ato de consumo, enquanto o chá e o café não preservam quase mais nada de sua realidade material. A bombilla, com a qual eu sugo o mate, mergulha diretamente na yerba e não numa decocção ou numa infusão puramente líquidas. Como o recipiente é muito pequeno, e completamente cheio de mate, contém pouca água, e eu, igualmente, consumo muito pouco a cada vez, mas consumo a essência da erva a partir da própria erva. Mais precisamente, eu não bebo um mate: absorvo, sugo e saboreio. Como se absorvesse a própria seiva da planta – que ali está. O ato de absorver e sugar é distinto do ato de beber, mastigar ou fumar, e cada um tem uma conotação psicológica diferente. Diria que é um ato, de uma só vez, bem mais elementar e bem mais recolhido. Mais elementar porque me coloca em contato nutritivo e direto com o interior da planta, com aquilo que ela tem de mais íntimo e de mais secreto. Absorvo a virtude da erva. E essa erva molhada e amarga, que preenche o recipiente, tem o odor, o gosto, a virtude da terra. Ao tomar um mate, se eu for atento e sensível, *me aboco à terra* e aspiro para dentro de mim seu gosto e seu sabor. Isso é ao mesmo tempo um ato de comunhão e de interiorização. No ato de matear [*matéer*], minha boca escuta a terra.

Tal ato só pode ser recolhido e levar ao recolhimento. Não faz sentido algum “tragar um mate” com pressa (a própria expressão faz os argentinos rirem). Absorver é um ato lento, comedido, feito de sucções lentas e recolhidas (não esquecer, também, que tomo um mate quase fervendo, então, sugo algo quente e vibrante). Esse recolhimento me transforma e me coloca em comunicação com o espaço e a terra, e nessa comunicação íntima com o todo, desprovido de ênfase, me reencontro. Unidos entre eles pelo mate, os homens comunicam juntos e cada um por si, ao mesmo tempo, com o mundo e a terra. O argentino sente a terra na erva encerrada na pequena cabaça redonda do mesmo modo como ele percebe a voz mais antiga da madeira no violão. O mate oferece um sentimento vivo de solidão no momento em que elimina tudo o que ela comporta de angustiante. De certa forma ele diz: veja, você está sozinho, sozinho no mundo (que é vasto), sozinho com aqueles que estão ao teu lado e com quem você partilha esta solidão e este estar-no-mundo. Revelação tão grave quanto alegre. Por isso, particularmente no *campo*, o mate convida à expressão (dada pelo poema, pelo conto, pelo canto)

e à meditação (que floresce em sentenças e provérbios). A mateada não é um meio de tagarelice, mas de meditação sobre a vida e sobre as coisas. Outra vez, essa meditação nunca cai no cerimonial engessado e entediante, menos ainda na discussão: ela compreende até mesmo, como uma de suas dimensões essenciais, *o humor*. O mate convida à fala sentenciosa e breve, mas de peso, com escuta concentrada, réplica rápida e intervenção refletida. Todas essas características fazem da mateada um momento poético e reflexivo.

A estrutura convivial do mate, tal qual a descrevemos, está ameaçada atualmente. Está diminuindo o número de pessoas, na cidade como no interior, que tomam um mate seguindo as regras complexas da mateada, regras rigorosas, mas sempre plenas de sentido. A própria yerba é trocada às vezes por um substituto, o *mate cocido*, tipo de sachê comparável aos sachês de chá ou de verbena que são colocados de molho nas xícaras. É evidente que a mateada não combina com os ritmos e os valores da sociedade industrial... No entanto, o atual fenômeno de degradação está produzindo uma reação não menos vigorosa. Inúmeros argentinos que se “afastaram” do mate, retornam para ele voluntariamente, enquanto um dos elementos mais estáveis e mais essenciais de sua identidade nacional. O retorno ao mate se torna assim uma das formas de protesto concreto contra os processos de colonização cultural. Por traz desse consumo “ideológico” do mate, está toda a estrutura convivial da sociedade argentina que busca se manter e se preservar<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> Esse retorno ao mate, assumido como um movimento consciente e maduro, pode ganhar formas tão ricas quanto imprevistas: a mateada foi *integrada* recentemente por psicólogos argentinos como primeira forma de psicoterapia popular. Essa experiência, atualmente em curso, merece todo um estudo exclusivo. Seus promotores a concebem como “psicoterapia do oprimido”. Existe também uma “antipsiquiatria” argentina apoiada nas tradições conviviais populares (mateada, tango, guitarreada).